



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS | CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
MAPS PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS: UMA CARTOGRAFIA PÓS-COLONIAL | MAPS EUROPEAN POSTMEMORIES: A POSTCOLONIAL CARTOGRAPHY

Sábado, 16 de janeiro de 2021



Eduardo Lourenço | 2014 | Nuno Simão Gonçalves (cortesia do fotógrafo)

A ÚLTIMA LIÇÃO DE EDUARDO LOURENÇO

Roberto Vecchi

Nos dias que se seguiram ao falecimento de Eduardo Lourenço, emergiu com nitidez, apesar do considerável esforço comemorativo, a impossibilidade de abarcar uma obra que parece escapar por todos os lados. A questão de saber o que esta obra é e, em particular, de como definir o estatuto excêntrico de um estudioso como Eduardo Lourenço, ficou evidente em muitos momentos: definições marcadas por uma profunda insuficiência afloraram nos atos públicos e nos meios de comunicação.

Como era previsível, as comemorações, na quase totalidade - com algumas exceções relevantes, e, entre estas, incluiria a homília de José Tolentino de Mendonça -, cumpriram a sua função formal, mas iludiram as questões fundamentais que podem formular-se em torno do intelectual mais famoso que deixava de ser - sem ênfase hagiográfica - o maior intelectual vivo de Portugal.



A assimetria entre fama e conhecimento foi, seguramente, o traço mais saliente do esforço de homenagem. Um enigma que Lourenço nunca fez nada para deslindar - aliás aquilo que poderia ser definido como mais uma impropriedade, o seu “ecletismo”, colocou sempre em jogo a estabilidade de qualquer definição possível. E acrescenta-se que, como observa Alessandro Portelli, as definições, mais do que definir um objeto, remetem, sobretudo, para o horizonte de quem define.

A verdade é que o problema existe há muito. Eduardo Lourenço foi, sozinho, uma grande família intelectual: filósofo, professor, crítico literário, pensador, mitólogo, crítico de artes, de cinema, ensaísta, precursor da crítica pós-colonial e dos estudos culturais, escritor, homem de letras, só para fornecer uma lista funcional e sempre incompleta. Foi um triunfo não de disciplinas, mas de “indisciplina”, num mundo sempre mais virado para o elogio (preguiçoso) da “especialização”.

Ao mesmo tempo, há temas que surgem na obra como um todo e o perseguem como obsessões ao longo da vida inteira: veja-se o primeiro ensaio - onde é visível o diálogo do jovem assistente com Joaquim de Carvalho - que inaugura o primeiro livro publicado, *Heterodoxia* (1949), “Europa, ou o diálogo que nos falta”. A primeira frase desta tomada de palavra juvenil funciona como um manifesto ou um programa para os 70 anos seguintes de trabalho crítico: “O mundo da cultura portuguesa arrasta há quatro séculos uma existência crepuscular”.

Eduardo Lourenço não fez esforços para se consagrar à posteridade, não fez absolutamente nada para alimentar a fama que tinha, mas lhe era estranha. O seu ofício era ler, ver, pensar e escrever. Ações que desempenhou sempre, de modo incansável, com ou sem público, de forma indissociável. Lourenço não tinha uma forte vinculação institucional, não disputava um campo particular (a Universidade, o meio intelectual, a cultura de um País e de um continente, o organigrama de um partido). Tal condição tornou-o um homem extremamente livre. Disso decorre a sua força crítica e a sua irreduzibilidade a esquemas ou convenções. Os livros também, de certo modo, “aconteciam”, não nasciam de um plano longamente premeditado: a sua respiração (sobre isso já muito foi dito e escrito) é a do ensaio, do fragmento, da tentativa de encontrar uma forma mais estável ao correr do pensamento e das palavras.

A pilha de obras (publicadas e inéditas) está diante de nós a demonstrar a persistência do esforço de ler, de compreender o mundo, sem um projeto prévio de transformação ou conservação. Uma noite, em Bolonha, andando pela rua, perante uma montra, num momento em que se celebrava na Universidade o seu saber sem fronteiras, confessou, com uma inocência impressionante, “se tiver de sintetizar o que eu tenho andado a fazer, posso dizer só que sou uma pessoa curiosa”.



O funeral de Eduardo Lourenço, o dia de luto nacional, as manifestações que não podiam faltar por ocasião da perda de um intelectual celebrado, brilharam, no entanto, por uma característica curiosa e própria: dividiram-se, maioritariamente, entre os elogios acrícos e as críticas sem elogio. Os primeiros recorreram à retórica de ocasião com as inevitáveis referências à obra monumento que é *O labirinto da saudade*, a qual, felizmente, possui um título tão brilhante que não se deixa esquecer (o conteúdo exige um esforço maior, por isso dispensa-se).

As críticas sem elogio, que traíram um ressentimento longamente adiado (os 97 anos do Professor foram uma idade venerável) concentraram-se sobretudo no “exultet” de que finalmente poderia discutir-se a obra de Eduardo Lourenço. Pena que, em muitas intervenções, o que emergia fosse, essencialmente, um desconhecimento embaraçoso do que efetivamente o Professor escreveu e uma crítica concentrada sobretudo numa “mitologia” biográfica de Eduardo Lourenço. O que mostra como certas epistemologias revelam muito mais o horizonte do epistemólogo do que do seu presumido objeto.

No entanto, ambas as posições revelam um imenso desconhecimento direto e não mediado da obra de Eduardo Lourenço. É uma obra, de facto, labiríntica (e o adjetivo não é figurado) fragmentária, complexa, que exige uma atitude de estudo não extemporânea ou impressionista como as muitas exibidas por ocasião desta imensa perda. Quero pensar que esta é a última lição que Eduardo Lourenço nos deixa. A crítica feroz de um Portugal superficial, inocente, sem nenhuma consciência de culpa, portador de muitos impensados, como vazios que, no entanto, surgem camuflados em formas de saber, conformista e radical, sofisticado e simplório. No longo exercício de análise amorosa e apaixonada que Eduardo Lourenço dedicou ao seu país, uma lúcida anamnese põe a nu as contradições, as leis não escritas, os tiques que traem a permanência de valores normativos, hierárquicos, autoritários, que havia antes e depois das fraturas contemporâneas da história e que, apesar de tudo, continuam. Totalmente inocentes.

Na sua despedida da vida, Eduardo Lourenço conseguiu reunir todos os que se reconheceram num desconhecimento substancial do seu legado intelectual real e não imaginado. Agora o que fala é - prosopopeia imensa e filologicamente exigente - a obra que nos deixa. Basta lê-la antes de discuti-la, e não vice-versa. É um processo que, felizmente, ainda antes da morte do autor e da nuvem que surgiu em seu torno, já se iniciou e merece ser aprofundado. O pensamento de Eduardo Lourenço - complexo,



A ÚLTIMA LIÇÃO DE
EDUARDO LOURENÇO

fragmentário, luminoso também nos seus pontos menos desenvolvidos ou mais opacos - está à nossa disposição. Lê-lo e conhecê-lo é o melhor antídoto contra os simulacros das interpretações distorcidas e parciais. Uma última lição, não só filológica, que fica.

Roberto Vecchi é professor catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira no Departamento de Línguas Literatura e Culturas Modernas da Universidade de Bolonha. Entre as obras mais recentes, com Vincenzo Russo, *La letteratura portoghese. I testi e le idee* (2017). É investigador associado do Projeto *MEMOIRS - Filhos do Império e Pós-Memórias Europeias* (ERC Consolidator Grant, nº 648624).



Mariamo Miguel | 2019 | Paulo Faria (cortesia do autor)

ESTA GUERRA NÃO É TUA (2)

Paulo Faria

Na primeira conversa que aqui tivemos, há um mês, neste mesmo cubículo do centro comercial da Costa da Caparica, Maurício (Guiné, 1972-1974), engenheiro na vida civil, não me falou da cadeira eléctrica de Bula. Contou-me outras histórias da guerra, muitas histórias. Sentados à volta da mesa estavam ele, o Marco Mané e outros veteranos. Nesse encontro procurei o mesmo que aqui me traz hoje: histórias exemplares. «Exemplares» no sentido em que Sophia de Mello Breyner empregou o termo quando

escreveu os seus *Contos exemplares*. Histórias breves em cujo enredo esteja condensada a cartografia de todo um universo, de toda uma angústia, de toda uma época. No meu caso, quero histórias que contenham em si toda a guerra colonial, todo o colonialismo. Histórias assim são pepitas raras, é preciso peneirar muito cascalho para as encontrar. Mas Maurício é um contador incansável e, nesse primeiro encontro, que durou horas sem fim e se prolongou pela noite dentro, ofereceu-me vários diamantes em bruto. Como oficial de reabastecimento e oficial de acção psicológica de um batalhão de cavalaria, cabia-lhe, periodicamente, organizar uma acção especial.

– Em Bula havia uma casa de prostitutas. Tudo manjacas. As famílias vendiam-nas para a prostituição, mas elas eram bonitas e tinham apetência para aquilo. De dois em dois meses, ou assim, o médico dizia-me que estava na altura da inspecção. Eu levava um pelotão, ou uma secção, pelo menos, e, de surpresa, cercava a casa logo pela manhã. Metíamos as prostitutas numa *Berliet*, trazíamos-las para a enfermaria do aquartelamento, e o médico e os enfermeiros passavam revista a elas todas. Já tinham prontas as injeções de *Penadur*, penicilina, porque todas as mulheres que víssemos que tinham blenorragia... esquentamento... dávamos logo a injeção. No braço? Não, era na nádega. Em cima, do lado direito. Mas a seringa é enorme, a agulha também, a injeção dói que se farta. E eu tinha de lá estar para manter a ordem naquilo, porque algumas barafustavam, gritavam. E tinham de abrir as pernas, como é evidente. O médico metia-lhes um aparelhinho na vagina, um espéculo. Usava uma lampadazinha na testa, olhava lá para dentro e, quando via pus... Às vezes até me dizia: «Aponta a luz e olha, vêes ali?» Quase todas tinham pus, só uma ou outra é que não tinha. Essas só tomavam umas pastilhas, devia ser um preventivo, ou não sei o quê.

Quando as histórias que contam são particularmente escabrosas, os próprios veteranos se sentem compelidos a tecer um juízo moral sobre os seus gestos de há cinquenta anos.

– Elas tentavam fugir. Quando cercávamos a casa, algumas até saltavam pelas janelas, era preciso agarrá-las à força. E eu dizia-lhes: «Nós estamos aqui a fazer-vos bem, não estamos a fazer-vos mal. Estamos a fazer-vos bem por causa dos soldados, mas também por vossa causa. Nós queremos tratar-vos.» E apanhávamo-las todas, todas. «Vá... camião, camião... Prà *Berliet*, prà *Berliet*...» Quando os tratamentos acabavam, íamos levá-las de volta à tal casa e pronto.

Os pormenores são repugnantes, mas não consigo deixar de sentir um júbilo secreto por ter deparado com mais uma história exemplar do colonialismo, no sentido mais lato da palavra «colonialismo». O

colonialismo é fazermos a alguém aquilo que entendemos como «bem», mas que essa pessoa sente como «mal», para que essa pessoa nos possa servir melhor. Reformulo: o colonialismo é instrumentalizarmos o outro, fazendo-lhe bem somente na medida em que esse benefício nos possa beneficiar a nós. Resta dizer que o carácter exemplar de uma história escapa quase sempre ao seu narrador.

Maurício não me falou da cadeira eléctrica de Bula, no entanto. Apenas me disse, depois de o Marco me ter contado algumas atrocidades a que assistiu, que lá no aquartelamento havia uma prisão, e que às vezes, de manhã, o cabo que fazia de carcereiro o chamava: «Ó meu alferes, venha cá. Venha cá ver isto.» A cela tinha as paredes cobertas de sangue fresco. E Maurício perguntava: «Mas quem é que esteve aqui?» E o outro: «Foi o capitão tal-e-tal, esteve a interrogar um prisioneiro, veja como ele deixou isto.» E também neste ponto, depois de sublinhar que os prisioneiros certamente morriam, tal a quantidade de sangue que lambuzava as paredes, Maurício se sentiu obrigado a tecer um juízo moral, como que antecipando-se ao meu próprio juízo moral, que deve ter adivinhado por trás do meu olhar atónito:

– Mas agora eu vou dizer uma coisa. Isto hoje choca, mas é preciso entender. Quem fazia aquilo eram tipos da PIDE e tipos do... pronto, do exército. Mas era com as informações que eles extraíam dessa maneira, e não tinham outra maneira de as extrair, que salvavam muitos dos nossos. Não sei se me faço entender. A guerra é uma coisa tramada. Porque é assim: comete-se um acto que é mau em si, mas que é feito para salvar vidas. É que podiam morrer dez ou doze ou vinte, e afinal morreu só um... Isto tem de se perceber. Quem lá está tem de perceber as coisas.

Como que a dizer-me: «Quem não esteve lá tem de perceber as coisas.» Com esta nova história exemplar, Maurício expôs-me os fundamentos da lógica guerreira, que é o corolário inevitável da lógica colonialista: fazer mal aos outros para impedir que eles nos façam mal a nós. Reduzido aos seus fundamentos mais crus, dir-se-ia que o mundo é um lugar simples, afinal. As prostitutas abrem as pernas quando lhes mandam, as vidas não valem todas o mesmo. As informações extraem-se da carne dos homens como dentes cariados que é preciso arrancar. O que vimos e calámos há cinquenta anos passou a fazer parte de nós. Não nos peçam que o reneguemos, não nos peçam que deitemos fora as nossas vidas inteiras só porque o mundo mudou entretanto, não nos peçam que troquemos de lugar com os outros. Mesmo que quiséssemos, não seríamos capazes. Não nos deitámos numa cama de pernas abertas, não deixámos que a luzinha do médico nos devassasse o pus das entranhas. Não esparrinhámos de sangue as paredes da cela. Outros, com mais apetência para isso, o fizeram em nosso lugar.

Dezembro de 2020



ESTA GUERRA
NÃO É TUA (2)

Paulo Faria (Lisboa, 1967) é escritor e tradutor literário. Traduziu Cormac McCarthy, Orwell, DeLillo, Joyce, Dickens e muitos outros. Até a data, publicou os romances *Estranha Guerra de Uso Comum* (2016, Ítaca) e *Gente Acenando para Alguém que Foge* (2020, Minotauro). O seu terceiro livro, *Em Todas as Ruas te Encontro* (Minotauro) será publicado em 2021.

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624); **MAPS** Pós-Memórias Europeias: uma cartografia pós-colonial è financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT - PTDC/LLT-OUT/7036/2020). Os projetos estão sediados no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

ISSN 2184-2566

